

2007 - Excepção à regra ou regra das excepções?

Excepção à regra ou regra das excepções?

por: Eugénio Costa Almeida©

Na Europa há um adágio popular que expressa que uma andorinha não faz a primavera. E aproveitando esta expressão ornitológica quero crer que o que se terá passado numa esquadra da Polícia Nacional com um advogado de Maputo mais não foi que um estúpido e despropositado acontecimento de uns energúmenos a quem não explicaram os principais princípios da civilidade e humanidade. De acordo com algumas notícias, provenientes de Maputo, um advogado terá sido bárbara e nesciamente espancado e alvo da tentativa de assassinio dentro de um espaço que, primeiro de tudo, deve ser o principal lugar de defesa do cidadão e não o último lugar onde esse cidadão deseja estar. Se um cidadão não se sente seguro numa esquadra onde se irá sentir? Num Estado Democrata e de Direito o primeiro responsável político deveria apresentar, de imediato, a sua demissão. Quanto mais não fosse como protesto pelo acto tresloucado de um ou uns quantos. Mas não sei se a culpa deve residir no responsável político ou nos responsáveis formativos dos cidadãos tornados polícias. Aquela pretensa atitude – e as fotos a que tive acesso demonstram estarmos presentes perante um acto totalmente tresloucado – dos polícias só demonstram que na formação esquecem-se de informar os cadetes a civilidade deve estar sempre presente em primeiro lugar e só depois a presença de algum certo musculamento dos actos. Cabe ao Presidente Guebuza e ao Ministro responsável pela tutela da polícia tomarem as devidas providências. A juvenilidade da democracia moçambicana não pode justificar certos actos. O país já tem 32 anos e nesse espaço se alguns casos levaram ao muscularização de certos actos policiais devido aos desenvolvimentos de certos gangues cruentos, como o próprio Guebuza já disse ser necessário combater ferozmente, não devem as autoridades levar à letra sobre todos os cidadãos. Estão os polícias mal pagos? Isto seria acreditar que a Polícia é corrupta e eu não quero acreditar nisso. Quero acreditar, e uma vez mais, que os actos que se têm, ultimamente, verificados em certos sectores policiais mais não são que malformação cívica de quem não a recebeu por quem o deveria explicar. A população não pode temer a sua Polícia. Pelo contrário. Ela tem de ser a nossa primeira fonte proteccionista. Que as autoridades procedam a um claro e inequívoco inquérito – e não um que já esteja previamente elaborado faltando assinar – e castigue quem prevaricou e colocou o nome de Moçambique nas bocas do Mundo pelo pior fundamento. E Moçambique começava a estar entre os países mais cumpridores das liberdades Humanas… Publicado no jornal moçambicano O Observador, edição nº 009, de 5 de Julho de 2007 (edição em PDF por assinatura)